

# OUTRO ESPAÇO, OUTRO TEMPO, OU A INCANDESCÊNCIA DE UMA PAISAGEM DE DESEJO. A QUALIDADE ESPECTRAL DA PINTURA DE JOÃO GABRIEL.

SARA ANTÓNIA MATOS E PEDRO FARO

[PT]

*Eis-nos chegados ao meio da aventura. Antes de iniciar uma rodagem, o que desejo é, sobretudo, fazer um filme belo. Logo que surgem os primeiros imprevistos, é necessário reduzir as minhas ambições e limito-me a desejar, apenas, que seja possível terminar o filme. A meio da rodagem, faço um exame de consciência e digo a mim próprio: «Poderias ter trabalhado melhor, poderias ter dado mais de ti. Agora, resta-te a segunda metade para alcançares aquilo a que te propuseste». E a partir desse momento, esforço-me para tornar mais vívido o que será apresentado no ecrã. «Je vous présente Pamela» parece-me, finalmente, no bom caminho: os atores sentem-se bem nas suas personagens, a equipa está bem oleada, os problemas pessoais já não contam.*

François Truffaut, *A noite americana*

*A minha música é a expressão espiritual daquilo que sou — da minha fé, dos meus conhecimentos, do meu ser. Quando começamos a perceber as potencialidades da música, desejamos criar algo que seja mesmo bom para as pessoas, que ajude a humanidade a libertar-se dos seus problemas... Quero falar à alma das pessoas.*

John Coltrane

"Inferior porque jovem. Imperfeito porque jovem. Sensual porque jovem. Carnal porque jovem. Destruidor porque jovem. E desprezível - na sua juventude."

Witold Gombrowicz, *A Pornografia*

Depois de vários momentos, em diferentes instituições e situações que, ao longo dos últimos três anos, permitiram ao artista a inscrição da sua obra no tecido contemporâneo e cultural português com um amplo repertório de imagens e reflexões no âmbito da pintura, as Galerias Municipais apresentam aquela que é a primeira exposição individual de João Gabriel, "My Favourite Things".

João Gabriel estudou pintura na Escola Superior de Artes e Design de Caldas da Rainha, mostrou o seu trabalho na exposição "Paul & Bobby", no âmbito do Sexto Grandioso Fim-de-semana no Bregas, em Lisboa, participou na última edição dos Prémios EDP Novos Artistas e criou o cartaz do filme *O Ornitólogo* (2016) de João Pedro Rodrigues, entre outros projectos.

#### O título e as suas coisas favoritas

Nome de uma conhecida música, uma das preferidas de João Gabriel, na versão interpretada por John Coltrane, "My Favourite Things" é um título que dá conta, justamente, das primeiras obsessões do artista, onde se conjuga a riqueza do simbólico com a precariedade do vernacular, resultante do encontro da cultura erudita com aspectos da chamada cultura de massas. Em 1959, o musical "Música no Coração", de Rodgers e Hammerstein, estreou na Broadway, em Nova Iorque. Este incluía o popular tema "Sound of Music", melodia que inspirou o saxofonista John Coltrane a produzir um dos álbuns mais renomados da história da música jazz. "My Favorite Things" é uma gravação que Coltrane fez com seu novo quarteto que contava com McCoy Tyner no piano, Elvin Jones na bateria e Steve Davis no baixo. O grupo gravou o álbum nos estúdios da Atlantic Records, em Nova Iorque, durante três dias, em Outubro de 1960. Na época, Coltrane tinha recentemente saído do Quinteto de Miles Davis, onde estava desde 1958. Com Davis, Coltrane desenvolveu a capacidade de tocar várias notas ao mesmo tempo. A abordagem vanguardista de Coltrane, que experimentou e extrapolou novas composições, sons e formas de

música a partir de estruturas musicais tradicionais, recorrendo à improvisação, influenciou o jazz e o rock nos anos seguintes. Como se disse acima, "My Favorite Things" (escrita na versão americana), que por lapso escrevemos, no título da exposição "My Favourite Things" (versão inglesa), é uma das músicas preferidas de João Gabriel. Pode dizer-se que esta música é o resultado de uma migração de contextos criativos, mais e menos eruditos – factor que também é estrutural no modo de fazer da pintura deste artista. O seu trabalho reside numa tentativa de fixar, a partir do que já existe, outro espaço, outro tempo – como se o tempo presente não lhe chegasse, não fosse suficiente – definindo uma linguagem *queer*, incandescente e utópica. A utopia é território *queer* por excelência, na medida em que versa um quadro de desejo, uma estrutura de um mundo afectivo que, tal como todas as utopias, é operativa e indispensável enquanto permanece no âmbito da ideia-conceito-imagem. Mas a isso já lá iremos.

#### A Imagem espectral

Na entrada da Galeria da Boavista, duas pinturas – uma sobre tela e outra sobre papel – mostram-nos, cada uma, a figura de um homem. Com corpo atlético, na mesma posição, quase de cócoras, pernas entreabertas, vestindo uns calções desportivos curtos e segurando uma máquina fotográfica em frente ao rosto, essas figuras confrontam-nos directamente, não só porque os seus corpos são quase do tamanho e da estatura real, como porque parecem estar a fotografar-nos. A obra sobre tela mostra o homem num contexto exterior, ao ar livre, entre arbustos. A que tem suporte de papel apresenta o homem num contexto doméstico, numa divisão de uma casa, com uma cómoda sobre a qual se encontra pousada uma jarra com flores. Nas duas pinturas, parece não haver qualquer inibição no uso da cor. Nelas, o artista parece ter-se lançado num exercício pictórico amplo, dinâmico, contagiante, impondo a si próprio poucas restrições. A sua obra mantém-se fiel - desde as suas primeiras aparições públicas - a uma determinada ideia de figuração espectral, em que as figuras aparecem quase como sombras, passagens, rastros, para rapidamente desaparecerem e se misturarem nos fundos da pintura, de onde por momentos ressaltam. Essas figuras dão a sensação de passarem à nossa frente e desaparecerem, como nos filmes de cinema, deixando todavia no ambiente a sua presença a pairar, como um espectro.

Esta qualidade da imagem – que é em primeira instância uma qualidade herdada do cinema - permite questionar a relação entre Eros e Narciso, erotismo e pornografia, fundo e figura, existente no domínio da pintura.

Das relações de tensão geradas por estes pares de imagens, surgem movimentos belos e gestualidades incandescentes – imagens espectrais vindas de outro espaço e de outro tempo, mais e menos trágico geradas pelo proletariado do amor. A título de exemplo, pense-se na figura e no fundo, que, nas pinturas de João Gabriel, se corrompem mutuamente, e frequentemente, através da forma como o artista aplica a tinta e a cor. Figura e fundo confundem-se, por vezes, camuflam-se uma no outro, encaixam-se como dois corpos, configuram um espaço e um tempo erótico, impulsivo, extravagante, delicado e silencioso, por vezes errático, utópico.

#### Do modo quase panorâmico ou cinemático da exposição

##### Piso inferior

As obras de João Gabriel são todas sem título. A partir da entrada, sem avançarmos ainda, advinha-se a presença de uma extensa e horizontal fila de pinturas sobre papel. Por vezes, distinguem-se grupos de imagens, intervaladas entre si. Ao fundo da sala, no percurso das escadas, entrevê-se uma enigmática pintura sobre pano, quase transparente, dominada por tons de um suave azul-turquesa. Esta apresenta a cabeça de um homem visto de perfil, com uma fita na cabeça – a cabeça de um tenista?

A primeira sequência de pinturas – algumas obras de João Gabriel funcionam como conjuntos, dípticos ou polípticos, outras não – substanciam o título e o próprio sentido desta exposição. Nas “suas coisas preferidas” distinguem-se, entre outras: a capa do disco de John Coltrane, “My Favorite Things”, numa pintura onde predomina a cor azul, um azul quase nocturno, velatura através da qual se entrevêm outros elementos. Seguem-se outras representações enigmáticas, com e sem a figura humana, sempre masculina, sozinha ou acompanhada, em diferentes cenários, mais e menos urbanos, domésticos, mais e menos naturais ou paisagísticos, nas montanhas, no campo, na praia, no mar.

É este mesmo mar que se vê ao fundo, num conjunto de 4 pinturas formalmente semelhantes, uma sequência de imagens em que olhar do receptor se divide entre a acção humana ou as qualidades físicas de uma rocha.

O corpo masculino, mais e menos explicitamente, é no contexto desta sala, assunto predominante em torno do qual gravitam imagens diversas.

#### Piso superior

Ao subirmos o segundo lance de escadas, antes de entrarmos para a sala do piso superior da exposição, vemos uma pintura quase monocromática, em tons de encarnado, num pano colocado directamente na parede, sem moldura, mal recortado, representando um rosto esvanecido do qual mal se vêem os contornos. Um momento de orgasmo? Uma situação de dor?

#### Ficção e realidade

Na obra de João Gabriel, e particularmente neste conjunto de trabalhos especificamente desenvolvidos para a exposição, nunca nada é só aquilo que é. O que está representado é também "o que foi" e o que "pode vir a ser". É disso afinal que trata a figura espectral e qualquer formulação de carácter utópico: o espectro inclui aquilo que vemos e o que desejamos ver, aquilo que está lá e que lá juntamos, o concreto e o imaginado, o antes, o durante e o depois. Desse modo, segundo alguns pensadores, nomeadamente José Bragança de Miranda, pode estabelecer-se uma analogia entre o espectro e uma cascata. A imagem desta é constituída não por um *frame* isolado, mas por uma sequência de *frames* (que se substituem ininterruptamente), incluindo os intervalos. Uma cascata de água não é, portanto, só água a cair. Uma cadeira, uma janela, um televisor, uma jarra não são apenas o que são, mas também os sentidos culturais e sociais que lhe foram sendo atribuídos e o que nelas mais se queira juntar.

Pode dizer-se que esta qualidade espectral da pintura de João Gabriel é indissociável da necessidade deste artista de reflectir sobre a "carnalidade da pintura" e sobre o desamparo dos corpos. Como se sugeriu anteriormente, os corpos representados nas suas pinturas podem considerar-se humanos e não-humanos na medida em que são também "sombras", espectros, atingidos pela precariedade, ubiquidade e ostentação existencial do desejo, de uns e de outros. Sabemos, pois, importa não escamotear, que estas suas pinturas são baseadas em filmes de pornografia homossexual, da década de 1970 e 1980, e que muitos dos actores representados já morreram –espectros, no sentido literal –

dizimados por doenças como a SIDA, tantas vezes, muitas vezes, talvez demasiadas vezes, associadas a estes grupos e práticas sexuais.

### As cores da memória

As cores determinam a identidade dos corpos?

No piso superior da Galeria da Boavista, uma pintura de grandes dimensões, em tons salmão, feita propositadamente para esta exposição e engradada no momento da montagem, predomina sobre todas as outras, apontando para um campo de trabalho ainda pouco conhecido do artista.

Trata-se um trabalho quase monocromático, de formatos variáveis, a grande maioria executado sobre pequenos panos colocados directamente na parede, sem recurso à grade.

Na tela de maiores dimensões e tons salmão figura uma sala de estar, talvez um cenário para um filme, um espaço ou uma visão interior de uma casa. Desprovido de figuras humanas, este espaço parece ter estado à disposição dos corpos, agora ausentes, talvez acabados de sair. Por isso mesmo, esta imagem tem a capacidade inigualável de nos convidar a entrar, ou pelo menos a espreitar.

As obras mais pequenas apresentam-se como *frames* de um filme a preto e branco, com os seus intervalos e cortes. Cada uma das imagens, quase todas em tons de cinza e preto, excepto duas amarelas, convocam um universo de vida erótica mais sombrio, arrefecido, delicado, introspectivo, silencioso. Estas imagens poderiam assim ser associadas às imagens da memória, que, a pouco e pouco, vão desaparecendo no escuro e perdendo os seus contornos nítidos. O que fica na memória depois dessas imagens? Será para esse fim que nos remetem estas imagens mais recentes de João Gabriel?

*"O homem vive no mundo, não vive? E o mundo desaparece no escuro. Não sei se compreende, à nossa volta deixa de haver coisas, pessoas, apenas ficamos perante nós próprios."*<sup>1</sup>

### Processo de selecção

Depois de várias conversas com o artista, ao longo de um ano, e de uma visita ao seu ateliê nas Caldas da Rainha – experiência fundamental para um entendimento das formas e

modos de pintar -, e não tendo sido possível seleccionar, com antecedência e exactidão, o conjunto de obras a expor, João Gabriel trouxe-nos mais de duzentas pinturas sobre tela, papel e panos. Na Galeria da Boavista, durante as duas semanas de montagem, em sessões diárias de trabalho com o artista, fez-se a selecção das cerca de 50 obras que integraram a exposição. Procurou mostrar-se aquilo que, no início deste jovem percurso, afirma a diferença da sua linguagem pessoal, abrindo para ela horizontes e caminhos singulares no contexto da arte contemporânea. Identificaram-se constantes, procurando o que no trabalho deste artista, bem como nas suas temáticas de eleição, procura abalar ou desconstruir certos cânones formais e dogmas conceptuais (muitas vezes canalizando-os e usando-os a seu favor), nomeadamente clichés associados às imagens eróticas e homossexuais.

#### Erotismo e Pornografia

Assim, na exposição "My Favourite Things", de João Gabriel, mostra-se uma selecção de pinturas sobre tela, pano e papel, realizadas nos últimos três anos pelo artista, quase todas inéditas. O trabalho de João Gabriel tem incidido sobre diferentes aspectos e situações quase todas retiradas de filmes pornográficos homossexuais, sobretudo da década de 1970 e 1980. O seu olhar tem investido sobre as qualidades plásticas e pictóricas dos contextos paisagísticos, domésticos, arquitectónicos, mundanos ou boémios, líricos e obscuros, anatómicos e humanos, íntimos, que habitam este polémico e interdito universo produtor de imagens contemporâneas – proletariado do amor. Pretextos oportunos para uma nova crítica da vida quotidiana? Para uma nova crítica da imagem?

*"Há uma grande diferença entre o erotismo e a pornografia. O erotismo é um caldo, uma sopa que se está sempre a aquecer e sempre com medo que se arrefeça. Um casamento entre a psicologia e as conveniências. Do lado da psicologia começa-se pelos bons sentimentos, aqueles que é suposto as pessoas despertarem umas às outras. Acaba-se no desejo que é uma coisa que é preciso satisfazer, conforme os psicólogos já explicaram. O caldo redundava numa retórica em que a literatura convive com a higiene. A estética erótica tenta dar uma aura de ilusão ao mais rasteiro sentido das conveniências. O erotismo é o álibi mais barato da domesticidade e da conjugalidade, o necessário complemento de uma profissão e um emprego. A mentira do*

*erotismo sustenta esse grande palco de promiscuidade que é a humanidade.*

*A pornografia não se dá aos fraudulentos álibis dos sentimentos, da psicologia, do desejo, da comunicação, da comunhão não sei de quê. O olhar pornográfico é terrivelmente honesto. Vê tudo e só o que há para ver. A face exterior de um corpo é feita de carne para despir. A superfície visível dessa carne é a pele. A cadência dos músculos e das pelagens desenha sombras e tensões sobre a pele. O olhar pornográfico está atento a todos estes detalhes como uma máquina ou um animal. Regista, acumula, selecciona. A pornografia está fascinada pela evidência do funcionamento da carne e da pele. A pornografia é uma obsessão abstracta, embora opere exclusivamente sobre dados de natureza física.*

*Haverá quem prefira trocar as designações, mas a distinção é clara, e é a pornografia que está na verdade.*

*À distinção entre pornografia e erotismo, no sentido atrás definido, correspondem dois modelos e velocidades da pele: a pele convexa e a pele côncava. E dois modelos de paixão: o vulgar ou expressivo e o trágico."<sup>2</sup>*

#### Forma e o conteúdo, indissociáveis

O maior desafio para esta exposição revelou ser, justamente, a articulação e a selecção/exclusão das obras de João Gabriel. Por um lado, é possível relacionar cada obra com quase todas as outras – o que dificulta a selecção de algumas em concreto para exposição. Essa ligação entre todas resulta, em parte, de o artista executar várias em simultâneo, interferindo esse fazer sincrónico no resultado final do conjunto. As obras decorrem e como que concentram em si um investimento quase único – fazendo com que a separação, articulação e criação de intervalos entre os conjuntos seja ingrata. Por outro lado, é extremamente difícil e também redutor fixar séries temáticas ou fazer abordagens exclusivamente formais, nomeadamente porque a obra do artista desafia, contrariando, esse divórcio entre a forma e o conteúdo.

Pode antes dizer-se que há um vocabulário constante na linguagem de João Gabriel, ou seja, elementos, figuras, formas de fazer que se repetem, com algumas variações, de

2 Melo, Alexandre, "Julião Sarmiento. As Velocidades da Pele", in MARQUÊS, Bruno (coord.), *Sobre Julião Sarmiento*, Quetzal, Lisboa, 2012, p. 60 e 61



umas pinturas para outras. De qualquer modo, é preciso deixar claro que, partindo o artista de imagens proveniente de filmes porno, como acima se referiu, as imagens que constrói não são réplicas ou transferências lineares de um meio para o outro (do cinema ou do ecrã para o papel e a tela). São antes abstrações do referente, como o é toda a arte, mesmo a mais figurativa, mais e menos crítica, mais e menos politizada. Isto é não mais que uma dimensão tautológica da arte, que toda a produção artística abrange, questionando as suas próprias possibilidades, e meios e modos do fazer.

Significa também que cada obra tem em si todas as obras anteriores, que cada imagem transporta consigo todos os universos e possibilidades abertas pelas imagens anteriores. E carrega ainda, enquanto possibilidade, todas as imagens ainda não foram inventadas, que estão por vir. Assim, pode dizer-se que a obra de João Gabriel procura sair do espaço e do tempo de todos os dias, devolvendo à vida novas perspectivas dela mesma.

Naturalmente que isso não é independente do que cada receptor extrai destas imagens. Não vemos só aquilo que sabemos? Aquilo que João Gabriel fornece é outro ponto de partida, outras imagens, outras portas, para que cada um de nós possa voltar a olhar a realidade, dialogando e encontrando a sua posição nela.

Que os seus temas estejam ligados a uma estética da imagem sexual não é indiferente, porque traz até essa nossa realidade, quotidiana, imagens que têm o direito de existir e coexistir com todas as outras. Dito de outro modo, trazem o assunto à baila, resgatando-o a uma ausência e uma omissão que são opressoras e repressoras. A este propósito, num texto recente sobre o artista, publicado no *Jornal Público*, num suplemento dedicado a futuras promessas do universo artístico português, Nuno Crespo refere que João Gabriel "*nos filmes porno encontra corpos que se desejam e se entregam na tentativa de preencher o seu desejo – mas também aí encontra elementos de narrativa e composição visual importantes para o modo como aborda a pintura*". Sublinhando, ainda, que o trabalho de João Gabriel "*é um imenso contributo para a cultura gay e, neste aspecto, quer [se] goste ou não, as suas pinturas servem-nos como elementos importantes da renovação dos museus e das galerias de exposição, no caminho político de integração e de reconhecimento das comunidades reais*

*e das suas posições de diferença contrárias à normatividade corrente.*<sup>3</sup>

Em suma, cada pintura de João Gabriel parece configurar um acontecimento, um instante privilegiado, a maior parte das vezes fortuito ou conjuntural – um erotismo de consumo rápido? – que traz para o domínio da pintura e da taticidade uma reflexão sobre a própria pintura, o seu tempo, o quotidiano. E fá-lo a partir de uma perspectiva muito particular: questionando as qualidades das imagens, quase todas provenientes da pornografia homossexual, na definição de uma cultura visual *queer*, alargada, menos explícita, mais poética.

### Imagem e a recusa

Sendo a História da Arte, ela mesma, uma narrativa feita de desejo e erotismo, resta então perguntar como é que as imagens deste artista trazem, e colocam em campo, hoje, novas dimensões e possibilidades do sentir e do ver?

De que forma alteram a nossa relação com os corpos? Com o nosso corpo, com o corpo dos outros, com a paisagem, os objectos, o espaço?

Para Álvaro Lapa, *“o que é representado, numa obra figurativa, é possivelmente menos interessante, do que a totalidade da sua exclusão, sua recusa. Tal obra vale pelo que representa tanto quanto (pelo menos) pelo que não aceita representar. Esta função da recusa é o verdadeiro conteúdo implícito da obra, e a sua explícita mensagem de resistência”*<sup>4</sup>. Isto poderia ser transposto para a obra de João Gabriel, na qual a figuração não é um fim em si mesmo mas uma *intencionalidade política*.

Ilustrar um (mundo) invisível – tal seria a missão da pintura. Então, que mundo invisível é que as pinturas de João Gabriel nos dá a ver? Uma paisagem de desejo ou a promessa de outro espaço e outro tempo a ocupar (não-normalizados). Um jogo constante entre a presença e a ausência. Algo que desabrocha mas que se extingue ao mesmo tempo. Uma singela e silenciosa utopia inscrita no quotidiano. Uma revelação que reactiva um imaginário erótico, que não se limita a meras

3 <https://www.publico.pt/2018/03/02/culturaipsilon/noticia/joao-gabrieluma-questao-de-desejo-1804456> in Público, Ípsilon, 2 de março de 2018, por Nuno Crespo

4 LAPA, Álvaro, “O que é hoje a figuração para si?”, in *Álvaro Lapa. Textos*, Fundação EDP e Assírio & Alvim, Lisboa, 2007, p. 24

fantasias sexuais. Um esboço de uma imaginação crítica sobre a sociedade, sobre o que é, e o que poderia ser.

João Gabriel pinta a luz, os seus efeitos luminosos, a emergência e a dissolução, figura e desfigura o enigma, sem o anular.

Para terminar talvez se possa citar o filósofo Sousa Dias, "o objecto da pintura (...) é sempre de algum modo um espectro, um objecto espectral, uma visibilidade espectral – um extra-ser no ser empírico ou então um dinamismo imanente do ser -, por conseguinte um objecto sem imagem possível, um não-objecto, que a pintura tenta captar numa imagem que não é pois uma imagem, que não é nem pode ser mimese, em suma, numa visibilidade da imagem que excede, com a sua espectralidade, com a sua presença inobjectiva, não objectual, «abstrata», o visível na imagem"<sup>5</sup>

Pintura é sensação e desejo.

5 DIAS, Sousa, O Riso de Mozart. Música. Pintura. Cinema. Literatura, Documenta, 2016, p. 57